

MANIFESTO AOS
SOBERANOS DA
EUROPA



1820

INGRES-FABRIANO

MANIFESTO DA NAÇÃO PORTUGUEZA

AOS SOBERANOS, E POVOS DA EUROPA.

A Nação Portuguesa animada do mais sincero, e ardente desejo de manter as relações politicas, e commerciaes, que até agora a tem ligado a todos os Governos e Povos da Europa; e tendo ainda mais particularmente a peito continuar a merecer na opinião, e conceito dos homens illustrados de todas as Nações a estima e consideração, que nunca se recusou ao caracter leal e honrado dos Portuguezes: julga de indispensavel necessidade offerecer ao publico a succinta, mas franca exposição das causas que produzirão os memoraveis acontecimentos ha pouco succedidos em Portugal; do verdadeiro espirito que os dirigio; e do unico alvo, a que tendem as mudanças, que se tem feito e pretendem fazer na fórma interna da sua Administração: E confia que esta exposição, rectificando as erradas idéas, que por ventura se hajão concebido dos referidos acontecimentos, merecerá a benevola attenção dos Soberanos, e dos Povos.

Toda a Europa sabe as extraordinarias circumstancias, que no anno de 1807 forçárão o Senhor D. João VI., então Principe Regente de Portugal, a passar com a Sua Real Familia aos seus domínios trans-atlanticos: E posto que esta resolução de Sua Magestade se julgou então da mais reconhecida vantagem para a causa geral da Liberdade Publica da Europa, ninguem contudo deixou de prever a critica situação, em que ficava Portugal por esta ausencia do seu Principe, e os factos ultteriores provárão demonstrativamente que esta providencia não era vã, e temeraria.

Portugal, separado do seu Soberano pela vasta extensão dos mares, privado de todos os recursos de suas possessões ultramarinas, e de todos os beneficios do commercio pelo bloqueio de seus portos, e dominado no interior por huma força inimiga, que então se julgava invencivel, parecia haver tocado o ultimo termo da sua existencia politica, e não dever mais entrar na lista das Nações independentes.

Em tão apurada crise, este Povo heroico não perdeu nem a honra, nem o valor, nem a fidelidade ao seu Rei; porque estes sentimentos não lhe podião ser arrancados do coração pela violencia das circumstancias, nem pela força prepotente do inimigo. Elles se manifestárão effectivamente, da maneira mais energica, logo que se offereceo conjunção oportuna. Os Portuguezes, com o auxilio dos seus Alliados, conquistárão á custa dos mais penosos sacrificios a sua propria existencia politica; restituirão com generosa lealdade ao seu Monarca o Throno, e a Coroa; e a Europa imparcial ha de confessar (ainda que nem sempre se tenha feito esta justiça) que a elles deve tambem em grande parte os triunfos, que depois alcançou em beneficio da liberdade, e independencia dos Thronos e dos Povos.

Qual fosse porém a situação interna de Portugal depois de circumstancias tão novas, de esforços tão extraordinarios, e de hum transtorno tão universal, e transcendente, mais facil he concebêlo do que exprimilo.

A ruina da sua povoação, começada pela emigração dos habitantes, que seguirão o seu Principe, ou procurarão escapar á suspeitosa desconfiança, ou á perseguição systematica do inimigo, augmentou-se pelas duas funestas invasões de 1809 e 1810, e pelas perdas inevitaveis de huma dilatada e porfiosa guerra de sete annos.

O Commercio e a industria, que nunca podem devidamente prosperar, se não á sombra benefica da paz, da segurança, e da tranquillidade publica, tinhão sido não só desprezados e abandonados; mas até parece que de todo destruidos pela illimitada franqueza concedida aos vasos estrangeiros em todos os portos do Brasil; pelo desastroso Tratado de 1810; pela consequente decadencia das fabricas, e manufacturas nacionaes, pela quasi total extincção da marinha mercante e militar, e por huma falta absoluta de todo o genero de providencias,

que protegessem, e animassem estes dous importantissimos ramos da prosperidade publica.

A Agricultura, base fundamental da riqueza e força das Nações, privada dos braços que lhe roubára o exercito, e a morte; destituida dos capitaes que a sustentão, e que talvez se havião empregado em objectos de mais instante necessidade; desamparada do alento, e vigor vital que costuma dar-lhe a industria nacional, e o gyro activo do Commercio tanto interno, como externo, jazia em mortal abatimento, e sómente offerecia ao espectador admirado o triste quadro da fome e da miseria.

A sensivel diminuição das rendas publicas causada pela ruina da povoação, do commercio, e da industria; pela perda irrevogavel dos grandes cabedaes que o inimigo extorquirá violentamente das mãos dos Portuguezes, e pelas excessivas despezas da guerra; obrigando a Nação a contrahir novas, e avultadas dividas, para cuja satisfação erão desiguaes os seus recursos, acabou de dar o ultimo golpe no Credito publico, já vacillante pela escandalosa malversação dos agentes fiscaes, e ainda mais pelo errado systema da administração.

Se os Portuguezes não amassem, e respeitassem o seu Principe, e a sua Augusta Dynastia com huma especie de amor, e adoração quasi religiosa; se não quizessem receber da sua só justiça, e beneficencia as reformas, e melhoramentos publicos, que hum tal estado de cousas imperiosamente exigia; mui facil lhes seria, n'aquella época, pôr limites ao poder, ou dictar-lhe condições accommodadas a tão urgentes circumstancias. Elles não ignoravão seus direitos: a tendencia geral da opinião, dirigida pelas luzes do seculo, e sobejamente manifestada entre os povos mais civilizados da Europa, os convidava a fazer uso desses direitos, que os seus maiores havião já reconhecido, e exercitado em occasiões menos forçosas: o exercito victorioso, e triunfante apoiaria tão justas pretensões, e a Nação seria hoje livre, ou certamente menos desditosa.

Porém o caracter dos Portuguezes nunca soube desmentir-se. Elles quizerão antes esperar tudo do seu Principe, do que dar á Europa, ainda afflicta das passadas desgraças, o spectaculo de huma Nação insofrida, e inquieta; ou parecer que abusavão da facilidade, e oportunidade das circumstancias para se mostrarem revoltosos, ou menos submissos. O soffrimento silencioso, e pacifico de seus males foi a base de seus procedimentos: a confiança nas reconhecidas virtudes do Principe, o fundamento de suas esperanças.

Mas (he forçoso dizelo!) estas esperanças forão perfeitamente baldadas, e aquelle soffrimento foi levado ao ultimo termo, a que parece poder chegar a paciencia de huma Nação briosa, cheia do sentimento de suas desgraças, e não ignorante dos meios de remedialas.

Não he preciso para prova desta penosa verdade renovar agora aqui o triste quadro da situação progressivamente decadente de Portugal em todos os ramos de sua administração, nos seis annos que tem decorrido desde a paz geral da Europa até o presente. A Europa toda ou o tem presenciado, ou o tem ouvido recontar com magoa: e os Augustos Soberanos das differentes Nações não podem deixar de ter sido informados de tamanha desventura pelos seus Ministros ou Agentes Diplomaticos, que havendo lido na Historia o esplendor, a gloria, e a grandeza, a que em outros tempos chegarão os Portuguezes, terão sem duvida admirado, e não poucas vezes lamentado, o incomprehensivel abatimento, a que se acha reduzido este Povo, que nos favores, e beneficios da natureza não cede a nenhum outro Povo da Europa.

A sua povoação já exhausta pelos motivos, que ficão indicados, continuou a ser depauperada pela forçada remessa para o Brasil de alguns milhares de homens, que depois de terem exposto as suas vidas pela Patria, e pelo Throno, e de haverem merecido descansar em tranquilla paz no seio de suas familias, ou gozarem no seu paiz natal o premio de seu zelo e valor, forão continuar na America do Sul os duros trabalhos da guerra; de huma guerra, que fazendo-se a tamanha distancia de Portugal, parece que sómente sobre este Reino tem descarregado seus pezados golpes, atacando por muitos modos as fontes essenciaes do seu vigor, e expondo-o ao mesmo tempo ás emprezas de huma nação vizinha, e poderosa, sempre rival, e agora estimulada, e até (em sua opinião) offendida e aggravada.

O Commercio, em vez da protecção sollicita, que a sua situação demandava, e que ainda poderia conservar-lhe algum alento de vida, e resuscitalo pouco a pouco do mortal lethargo a que se achava reduzido, não obteve senão raras e mesquinhas providencias, que não sendo o resultado de combinações judiciosas sobre o verdadeiro estado comparativo das relações commerciaes dos diferentes povos da Europa, nem ligadas entre si, e dependentes de hum systema geral adaptado ás presentes circumstancias; ou fazião cada vez mais difficeis e complicadas as suas transacções, ou até cedião em prejuizo directo do commercio nacional, transportando todas as suas vantagens ás mãos dos estrangeiros, e desviando do gyro publico os capitaes, que nelle devião empregar-se.

A industria não foi mais favorecida, nem era de esperar que a sua sorte fosse mais feliz. Os Portuguezes virão e soffrêrão, que as suas fabricas, e manufacturas fossem destruidas, e quasi de todo aniquiladas: Que os productos do seu trabalho não podessem soportar a concurrencia dos estrangeiros: Que os moveis mais insignificantes de suas casas, os vestidos e roupas do trajo mais ordinario e usual, as proprias camizas e çapatos, que vestem e calção, lhe fossem trazidos de fóra, deixando innumeraveis artifices e officiaes na ociosidade e na miseria. Os Portuguezes virão e soffrêrão, que os seus vasos mercantes lhe fossem roubados por amigos e inimigos: Que andassem expostos aos insultos dos piratas, e fossem por elles apreçados até á vista de suas proprias fortalezas. Os Portuguezes virão, e soffrêrão.... mas para que he renovar aqui tão profundas e sensiveis mágoas? para que he recordar males tão notorios; e tão universalmente sentidos?.... Digão-no os proprios estrangeiros: digão-no os mesmos que tem tirado proveito da espantosa indifferença ou frouxidão do Governo Portuguez, e que não poucas vezes repetião com honrada franqueza "*que este bello paiz era digno de melhor sorte.*"

A Agricultura, no meio de tamanho abandono de todos os interesses publicos, não era natural que obtivesse a particular attenção e disvello, que por sua reconhecida influencia sobre a felicidade das nações lhe he devido. Peja-se o brio Portuguez de confessar haver recebido da generosidade de huma Nação estrangeira tennes soccorros a beneficio da classe a mais util, e a mais miseravel dos seus habitantes: soccorros, que não podendo produzir utilidade alguma real, nem pelo seu valor, nem pelo modo da sua distribuição, sómente servirão de patentear aos olhos da Europa espantada o profundo abysmo de miseria, a que esta Nação, outr'ora rica e opulenta, se achava reduzida.

A Providencia quiz favorecer o agricultor Portuguez, abrindo em seu beneficio o seio fecundo da terra, e dando-lhe annos de copiosa colheita: mas este mesmo favor do Ceo foi inutilisado pelos erros dos homens. O numerario tinha desaparecido da circulação pela estagnação do commercio, pela ruina da industria, pelas avultadas sommas que todos os dias passavão sem retorno aos estrangeiros em troca dos generos indispensaveis ao consummo da Nação, e pelas continuadas remessas eventuaes ou regulares, que se fazião para o Brasil com diferentes motivos e applicações, chegando a tal ponto a falta de gyro, e consequentemente a pobreza publica, que no meio da abundancia de pão, augmentada ainda por huma importação excessiva, e imprudentemente tolerada deste genero, o povo morria de fome; o lavrador desamparava as suas terras e os seus trabalhos; todos lamentavão a geral penuria; e a cada momento se temia, que a desesperação rompesse em tumultos, e que os tumultos degenerassem na mais completa e horrivel anarquia.

Sendo tal o estado em que se achavão as principaes fontes da prosperidade e riqueza nacional, facil he de conjecturar qual seria tambem o estado do Thesouro, e do Credito Publico.

Não sómente se conservarão sem necessidade, e sem diminuição as antigas despezas proporcionadas á grandeza, aparato, e esplendor de huma Côrte, que já não existia em Portugal; mas accrescentavão-se cada dia outras igualmente escusadas, e não menos exorbitantes, ao mesmo passo que decrescia sensivelmente a receita, já pelas cauzas indicadas, e já pela pasmosa negligencia, ou prevaricação dos administradores subalternos, a muitos dos quaes a impunidade affiançava de algum modo o pacifico uso de suas criminosas especulações.

Sobre estes males accrescêrão ainda as extraordinarias despezas de algumas expedições maritimas, destinadas a fornecer tropas á desastrosa guerra da America do Sul, e os continuos saques de moeda para soldo e manutenção da porção do exercito Portuguez ali destacada: despezas, que tirando irrevogavelmente grandes sommas do gyro nacional, tinham ao mesmo tempo a mais nociva influencia sobre o valor do dinheiro papel, cujo cambio se tornava de dia em dia mais desfavoravel, e mais ruinoso.

Os empregados publicos, o Corpo Militar, os melhores e mais uteis servos do Estado soffrião hum extraordinario atrazamento na satisfação de seus merecidos salarios, e ao mesmo tempo que esta falta abysmava a huns na miseria e na desesperação, excitava a outros a romper em altos e perigosos clamores, ou a aventurarem-se aos excessos da mais funesta venalidade e corrupção.

Os credores do Estado invocavão em vão a fé publica, e o cumprimento das sagradas promessas que se lhes havião feito, e sobre as quaes sómente se podia manter o credito do Thesouro, e a esperança de novos recursos, quando fossem necessarios.

Em fim, que precisando ultimamente o Erario de abrir hum esprestimo de quatro milhões de cruzados, e parecendo de esperar, que a propria estagnação do commercio convidasse os capitalistas a entrarem á porfia nesta negociação, que parecia de segura vantagem pelo valor das hypothecas offerecidas ao pagamento do juro regular, e á amortização do capital, não foi possível (com vergonha o dizemos) não foi possível preenche-lo, nem ainda quando o Governo, traspassados os limites da espontaneidade, que ao principio annunciára, quiz forçar a isso os capitalistas, e proprietarios, por meio de huma derrama calculada sobre a avaliação da propriedade individual, e dos presuppostos fundos de cada casa commerciante.

Em meio de tantas desgraças, que por espaço de seis annos opprimirão os Portuguezes em progressivo crescimento, ainda de vez em quando se avivava em seus corações algum lume de esperança de que ElRei viria ao meio delles ouvir suas queixas, e dar o possível remedio a males tão pezados e oppressivos. Conhecião por experiencia a natural bondade do seu coração, herdada de seus avós, e sempre propensa a promover a felicidade dos povos de seus Dominios: e confiavão que ella lhes prepararia as reformas, melhoramentos, e beneficios, de que tanto se necessitava em todos os ramos da publica administração — Sua Magestade parecia haver dado por algumas vezes lugar a esta lisongeira esperança.

Ella porém foi-se desvanecendo pouco a pouco, e o Ministerio do Rio de Janeiro, que talvez desviava do animo de ElRei o pensamento de realisala, até soffria de máu grado, que algum cidadão amigo da sua Patria ousasse expôr ao publico as suas opiniões sobre este importante objecto, e mostrasse as vantagens de se restituir a Portugal a Séde da Monarquia.

Desta maneira comecárão os Portuguezes a desconfiar do unico recurso, e meio de salvação, que ainda parecia restar-lhes no meio da quasi total ruina da sua cara Patria. A idéa do estado de Colonia, a que Portugal em realidade se achava reduzido, affligia sobre maneira todos os cidadãos, que ainda conservavão, e prezavão o sentimento da dignidade nacional. A justiça era administrada desde o Brasil a povos fieis da Europa, isto he, desde a distancia de duas mil leguas, com excessivas despezas, e delongas, e quando a paciencia dos vassallos estava já fatigada e exausta de fastidiosas, e talvez iniquas formalidades. Muitas vezes se desviavão dos olhos e attenção de ElRei, ao arbitrio dos Ministros, e validos, as representações, que se dirigião ao Throno, e que não podião ser ao menos accompanhadas das importunações, e lagrimas dos pretendentes. Todos em fim conhecião a impossibilidade absoluta de pôr em marcha regular os negocios publicos e particulares de huma Monarquia, achando-se a tamanha distancia o centro de seus movimentos, e sendo estes muitas vezes impedidos ou retardados pela malignidade dos homens, pela violencia das paixões, e até pela força dos elementos.

Esta mesma distancia, dificultando as queixas dos povos ou dos individuos opprimidos, fazia mais ousada a iniquidade dos máus administradores da Justiça, e dos infieis depositarios de qualquer porção da Auctoridade Publica. A torpe ve-



nalidade tinha corrompido tudo. A ambição, a avareza, o egoismo insensato haviam substituído o amor da ordem publica, o amor da Patria, virtudes em outro tempo tão familiares ao Povo Portuguez, e origens verdadeiras dos heroicos feitos, que a Europa illustrada ainda hoje admira, e admirará sempre na Historia desta grande Nação. Todos os vinculos sociaes se achavam relaxados; todos os interesses em contradicção; todas as opiniões em discordia; todos os partidos em divergencia; todas as paixões e vícios em campo, e em combate. Hum unico sentimento era commum a todos os Portuguezes — o da sua profunda desgraça. — Em hum só desejo se união todos os bons cidadãos — o de huma nova ordem de cousas, que salvasse a não do Estado do lamentavel e miserando naufragio, em que hia a perder-se.

Que deveria pois fazer o Povo Portuguez, huma Nação inteira, em tão apurada situação? — Soffrer, e esperar? — Ella soffreo, e esperou em vão por largos annos. — Gemer, representar, queixar-se? — Ella gemeo, e os seus gemidos não forão escutados: que dizemos *não forão escutados*? Forão reprimidos, forão cruelmente suffocados. — Ella representou, e queixou-se; mas as suas queixas, e representações não chegavão aos degrãos do Throno. Dizia-se a ElRei que os seus povos vivião contentes, e erão fieis.... Sim, elles erão, e são fieis: nenhuma Nação do mundo tem dado mais constantes provas de amor aos seus Principes, de lealdade aos seus Monarcas. — Agora mesmo elles tem protestado, e protestão ainda á face da Europa, e do mundo inteiro, a mais firme adhesão ao seu Rei, e á sua Augusta Familia, a quem cordialmente amão, e adorão: mas elles não vivião contentes, nem o contentamento póde jámais alliar-se em huma Nação com a pobreza, e miseria, com a triste decadencia de todos os estabelecimentos uteis, com a perda da dignidade, e da consideração publica, com a ignorancia systematicamente introduzida ou sustentada, com a ruina em fim da honra, da gloria, e da liberdade nacional. — Elles não erão felices, e quizerão sê-lo. — Póde disputar-se a alguma Nação este direito, e os meios de o exercitar, e pôr em pratica? Póde algum povo, grande ou pequeno, alguma associação de homens racionaes prescindir deste direito inalienavel, para sujeitar-se irrevogavelmente ao arbitrio de algum ou de alguns homens, para obedecer cégamente a hum poder illimitado, a huma vontade, que póde ser injusta, caprichosa, desregada? Para deixar-se levar ao abýsso da desgraça sem dar hum passo que o desvie do precipicio, sem fazer hum esforço generoso para salvar-se?

O Povo Portuguez appella para o sentimento intimo de todos os seus concidadãos, dos homens illustrados de todos os paizes, dos Povos da Europa, e dos Augustos Monarcas que os regem.

Não são, como se diz, os falsos principios de hum filosofismo absurdo, e desorganizador das sociedades. — não he o amor de huma liberdade illimitada, e inconciliavel com a verdadeira felicidade do homem, que o tem conduzido em seus patrioticos movimentos. — He o sentimento profundo da desgraça publica, e o desejo de remediala — he a necessidade inevitavel de ser feliz, e o poder que a natureza depositou em suas mãos de empregar os recursos proprios para o conseguir.

A natureza fez o homem social para lhe facilitar os meios de prover á sua felicidade, que he o fim commum de todos os seres racionaes. As Sociedades não podem existir sem governo: a natureza pois aconselha a existencia desse governo, e auctorisa o poder que elle deve exercitar; mas hum poder subordinado ao fim — hum poder limitado pelo seu proprio destino — hum poder que deixa de merecer este nome para tomar o odioso nome de *tyrannia*, logo que exorbitando dos seus naturaes limites, impede, em lugar de promover, a felicidade dos povos que lhe estão sujeitos.

De qualquer modo que este poder tenha sido exercitado em huma Nação, ou por hum, ou por muitos; ou concentrado, ou repartido; ou limitado por leis expressas, ou confiado sem alguns limites — nem a força das armas, nem os habitos inveterados, nem o decurso dos tempos podem jámais despojar essa Nação da faculdade, e invariavel direito, que sempre conserva, de revêr suas leis fundamentaes, de reclarificar seus primeiros passos, de melhorar a fórma do seu Go-

verno, de prescrever-lhe justos limites, e de fazelo util á collecção dos associados. A propria Nação inteira, se em massa podesse exercitar os poderes do Governo, não os teria illimitados; porque nenhuma sociedade poderia rasoavelmente querer, approvar, auctorisar a sua propria infelicidade, e commum desgraça.

Eis-aqui pois os verdadeiros principios que dirigirão os Portuguezes; que os constituirão na indispensavel, e absoluta necessidade de levantarem unanimes a voz, não para offenderem, ou menosprezarem o seu Principe; não para o despojarem, ou á sua Augusta Casa dos direitos que por tantos titulos, e mui especialmente por sua bondade, clemencia, e amor de seus povos, tem adquirido sobre os corações de todos elles; não, em fim, para collocarem sobre o Throno a licençã, a immoralidade, e a absurda, e barbara anarquia: mas sim para darem a esse Throno as bases solidas da Justiça, e da Lei; para o libertarem das insidias da lisonja, dos laços da ambição, das astucias da arbitrariedade; para o fazerem firme, sem poder ser injusto; para o pôrem a igual distancia dos excessos violentos do despotismo tyrannico, e da frouxidão não menos funesta do negligente, e inerte desmazelo.

Forão estes os votos de todos os Portuguezes, quando proclamárão a necessidade de huma *Constituição*, de huma Lei fundamental, que regulasse os limites do Poder, e da Obediencia; que affiançasse para o futuro os direitos, e a felicidade do Povo; que restituisse á Nação a sua honra, a sua independencia, e a sua gloria; e que sobre estes fundamentos mantivesse firme, e inviolavei o Throno do Senhor D. João VI., e da Augusta Casa, e Familia de Bragança, e a pureza, e esplendor da Religião Santa, que em todas as épocas da Monarquia tem sido hum dos mais prezados timbres dos Portuguezes, e tem dado o mais nobre lustre a seus heroicos feitos.

Debalde se pretende calumniar este generoso esforço, qualificando-o de *inovação* perigosa. Os homens doutos, e imparciaes, versados na Historia das Nações, sabem que em todas as idades os povos opprimidos reconhecêrão o mesmo direito, e o empregárão ainda com maior amplitude. A mesma Historia de Portugal subministra exemplos disso, e a actual Casa Reinante a hum semelhante esforço deve a sua exaltação, e a sua mais distincta gloria. Se a moderna Filosofia creou o systema scientifico do Direito Publico das Nações, e dos Povos, nem por isso inventou ou creou os direitos sagrados, que a propria mão da natureza gravou com caracteres indeleveis nos corações dos homens, e que tem sido mais ou menos desenvolvidos, mas nunca de todo ignorados.

Os Portuguezes derão o Throno em 1139 ao seu primeiro inclito Monarca, e fizerão nas Cortes de Lamego as primeiras Leis Fundamentaes da Monarquia. — Os Portuguezes derão o Throno em 1385 a ElRei D. João I., e lhe impozerão algumas condições, que elle aceitou, e guardou. — Os Portuguezes derão o Throno em 1640 ao Senhor D. João IV., que tambem respeitou, e guardou religiosamente os foros, e liberdades da Nação. — Os Portuguezes tiverão sempre Cortes até 1698, nas quaes se tratavão os mais importantes negocios relativos á Politica, Legislação, e Fazenda: e neste periodo, que abrange a mais de cinco seculos, os Portuguezes se elevárão ao cume da gloria, e da grandeza, e se fizerão acredores do distincto lugar, que a despeito da inveja, e da parcialidade hão de sempre occupar na Historia dos Povos Europeos. O que hoje pois querem, e desejan não he huma *inovação*: he a restitução de suas antigas, e saudaveis instituções corrigidas, e applicadas segundo as luzes do seculo, e as circunstancias politicas do mundo civilizado: he a restitução dos inalienaveis direitos, que a natureza lhes concedeo, como concede a todos os Povos; que os seus maiores constantemente exercitárão, e zelárão; e de que sómente ha hum seculo forão privados, ou pelo errado systema do Governo, ou pelas falsas doutrinas, com que os vís aduladores dos Principes confundirão as verdadeiras, e sãs noções do Direito Publico.

O nome de *rebellião*, a qualificação de *illegitimidade* tem sido igualmente empregados para com elles se manchar a gloria dos Portuguezes, para se fazerem odiosos os seus patrioticos movimentos, para se attribuir a crime a sua nobre ousadia. Mas a *rebellião* he a resistencia ao poder *legitimo*, e não he legitimo o poder, que não he regulado pela Lei, que se não emprega conforme a Lei, que não he dirigido ao bem dos governados, e para felicidade delles. — Não he *illegitimo*

senão o que he *injusto*, e não he injusto senão o que se pratica sem direito, ou contra direito.

Com semelhantes denominações pretendeo Filippe IV. infamar perante as Cortes da Europa o glorioso levantamento dos Portuguezes em 1640. A justiça prevalece: o Senhor D. João IV. deixou de ser *rebelde*, e *usurpador*: os Portuguezes, que o fizerão Rei, forão heroes benemeritos da Patria: e a Augusta Casa de Bragança começou a fazer as delicias da Nação. — Não pretendemos fazer o paralelo dessa época com a actual em todas as suas circunstancias. Estan os mui longe de pretender comparar o character de El Rei D. Filippe IV. com o do Senhor D. João VI.; os sentimentos do primeiro para com os Portuguezes, com as virtudes que elles mesmos reconhecem no segundo, e com o amor, e benevolencia de que lhe são devedores. Mas nem por isso he menos certo que a Nação soffria ao presente a mesma pobreza, a mesma decadencia, os mesmos vicios, e a mesma oppressão que naquella época. — Os seus direitos são os mesmos. — O desenvolvimento delles, que então se reputou legitimo, não pôde hoje ser criminoso.

Os que attribuem esse desenvolvimento, nas circuntancias actuaes de Portugal, a effeitos de huma *faccão*, honrão por certo em demasia este nome: porque nunca houve *faccão* alguma nem tão sagrada nos seus motivos, nem tão desinteressada nas suas intenções, nem tão moderada nos seus procedimentos, nem tão unanimemente desejada, approvada, applaudida. Nunca houve *faccão* alguma, que no curto espaço de trinta e sete dias mudasse a face de huma Nação inteira, e de huma Nação, que se préza de religiosa, e leal, sem derramar huma só gota de sangue; sem dar lugar a hum só insulto contra a auctoridade, a hum só ataque contra a propriedade publica ou individual; sem occasionar a mais ligeira desgraça, ou desordem, ou ainda qualquer desagradavel accidente. Nunca houve *faccão* alguma, que com tão justa razão excitasse a admiração, e merecesse o applauso dos estrangeiros, que a virão começar, que observarão o seu progresso, e o seu espirito, e que não podem deixar de render a devida homenagem ao character nobre, generoso, e pacifico dos Portuguezes, assim como muitas vezes lamentavão a sua triste decadencia, e infeliz situação.

A' vista de tudo o que fica substanciado, não podem os Portuguezes duvidar de que os seus patrioticos movimentos hajão de merecer, não só a mais favoravel consideração, mas até justo louvor, tanto na opinião publica das Nações illustradas, como na dos Gabinetes dos Soberanos, que regem os differentes Povos da Europa.

Seria por certo bem doloroso para a Nação Portugueza, que grandes, e poderosos Monarcas, com quem ella tem mantido em todos os tempos relações amigaveis, fiel, e religiosamente guardadas, e respeitadas, abusassem agora do seu poder, e superioridade para subjugalá, e impôr-lhe leis; ou empregassem a sua influencia para reprimir o nobre, e ousado esforço de hum Povo sobejamente humilhado, e infeliz, o qual achando-se impossibilitado, pela sua situação geografica, de estender o seu poder, de dilatar-se em conquistas, de perturbar os outros povos na livre, e pacifica fruição de seus direitos, e de suas instituições, sómente pôde intentar, e sómente intenta em realidade melhorar a sua sorte; reformar a sua interna administração; recobrar os direitos sagrados que a natureza lhe concedeo, de que já gozou, e de que nenhum poder a deve despojar; e finalmente restituir á Coroa do seu Augusto Principe a independencia, o esplendor, e a gloria, que em mais felizes idades constituirão o seu melhor ornamento.

Nunca a Nação Portugueza se intrometteo nos negocios internos das outras Nações da Europa. Ella reconhece, e respeita os direitos que competem aos povos independentes, e deve esperar que tambem sejam reconhecidos, e respeitados os que ella mesma tem por igual razão. Como poderia pois ver sem grande magoa, que postergados a seu respeito estes direitos, se abusasse do poder, e da força para a conservar na humilhação, e no abatimento, para aggravar mais a sua desgraça, para a fazer victima de hum poder illimitado, e arbitrario, e para roubar-lhe o distincto lugar, que pelas eminentes qualidades de seus habitantes lhe cabe entre as Nações civilizadas? Por ventura aquelles mesmos, que ha pouco desdenhavão a Nação Portugueza pela sua decadencia, e quasi a querião re-

legar para a costa fronteira de Africa, intentarão agora forçala a permanecer nesse estado de abjecção?....

A reconhecida prudencia, sabedoria, e magnanimidade dos Principes da Europa; o respeito que elles professão aos sevéros principios da Moral Publica, e da imparcial Justiça; a justa deferencia á opinião geral dos homens livres de todas as Nações, e até a particular consideração, que ha de merecer hum Povo illustre, a quem o mundo moderno deve em grande parte a sua civilização, e os seus progressos, são em verdade motivos de segura confiança para a Nação Portugueza, e que lhe não permitem duvidar das disposições pacificas dos Soberanos, que á face da Europa tem posto por base de seus procedimentos assanttas maximas da fraternidade universal, tão recommendada no Codigo Sagrado do Evangelho.

Com tudo, se a despeito de todas estas considerações se acharem frustradas as esperanças dos Portuguezes, elles depois de invocarem o Supremo Arbitro dos Imperios, como testemunha de suas intenções, e como auxiliador da justiça da sua causa, empregarão em sua justa, e necessaria defeza todos os meios, e forças que tem á sua disposição: elles sustentarão seus direitos com toda a energia de hum povo livre, com todo o entusiasmo, que inspira o amor da independencia. Cada Cidadão será Soldado para repellir a aggressão iniqua, para manter a honra nacional, para vingar a patria ultrajada: e em ultimo recurso elles verão antes talar seus campos, devastar suas provincias, reduzir a lastimosas ruinas suas habitações, e exterminar o nome Portuguez, do que hajão de submeter-se a hum jugo estrangeiro, ou receber a lei de Nações, que lhe são na verdade superiores em forças, e pôder, mas não em honra, e dignidade.

Jámais deixa de ser livre hum povo que o quer ser. Este principio adoptado em theoria, he derivado da natural elasticidade do coração humano, e comprovado com factos illustres dos nossos dias. Os Gabinetes da Europa são assás illustrados para avaliarem até que ponto se podem desenvolver os recursos de hum Povo honrado, e brioso, quando se vê atacado iniquamente em seus mais sagrados direitos, e quando pugna pela sua liberdade, e independencia. Os acontecimentos recentes da ultima guerra mostrarão á Europa admirada, que o character nacional dos Portuguezes não havia degenerado do que fôra no tempo dos Romanos, e dos Arabes, e em épocas mais modernas, e não menos gloriosas. Elle se desenvolveria pois com igual energia e constancia, quando este Povo illustre pugnasse por tudo o que huma Nação sizuda e grave pode reputar de seu mais verdadeiro e solido interesse. *O Povo Portuguez terá huma justa liberdade, porque a quer ter:* mas se por extrema infelicidade lhe não couber em sorte conseguir esta ventura, será antes destruido, do que vencido ou subjogado. Nenhum de seus concidadãos sobreviverá ás ruinas da sua Patria; ás ruinas da publica felicidade. Mas attentem os Monarcas e os Povos, que a injustiça e a immoralidade de huma guerra, por mais felices que sejam aparentemente os seus resultados, nunca deixa de ser punida, cedo ou tarde, pelas Leis invariaveis da Ordem eterna que o Supremo Arbitro do mundo prescreveo a todos os seres, e ás quaes não pôde esquivar-se nem a força, nem a grandeza, nem poder algum sobre a terra.

Lisboa 15 de Dezembro de 1820.

INGRES FABRIANO

